

AS PERTINÊNCIAS ASSOCIATIVAS CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS

Irmão Juan A. Rivera Moreno, FSC

Praticamente todos os Institutos e Congregações Religiosas de vida ativa, desde há algum tempo, têm estado reconsiderando o tema da associação com um interesse especial, e o converteram num eixo central de seus Capítulos Gerais e seus Capítulos Provinciais. No nosso Instituto, os esforços empreendidos nesta área têm sido notórios, e existem sinais bem claros do interesse pela formação lassalista e as novas formas de entender a missão.

Não obstante a abundante documentação existente sobre o tema associativo, o 43º Capítulo Geral fixou orientações muito valiosas para fazer frente aos novos desafios que teremos que arrostar. Por sua vez, nos múltiplos Capítulos Provinciais, foram propostas experiências de valor para adaptar e impulsionar essas orientações emanadas do Centro do Instituto.

A título de exemplos, cito aqui algumas das orientações ou proposições capitulares que muito bem podem servir-nos de prólogo para as reflexões que pretendo desenvolver acerca das pertinências a partir da perspectiva sociológica.

- ♣ “À luz das novas respostas associativas para a missão, os Irmãos devem questionar-se sobre **como, na prática, vivem a associação** entre si, para que ela seja fonte de nutrição para eles, e estimule seu crescimento pessoal, sua solidariedade com outros e sua escuta do que Deus diz sobre a missão comunitária que os associa para o serviço educativo a pobres. Isto tem conseqüências para os Irmãos, em seu estilo de vida, seus relacionamentos, sua fidelidade e seu **sentido de pertença**” (*Atas do 43º Capítulo Geral, Circular 447, pág. 6, nº 1*)¹.
- ♣ Temos que refletir sobre os **procedimentos** de que os colaboradores ou cooperadores necessitam, caso desejem tornar-se **associados** (*Circular 447, pág. 7*).
- ♣ “Denominamos “**grupos intencionais**” aqueles em que as pessoas, em resposta a um apelo interior, se **associam voluntariamente** para **viver certas características lassalistas**, de modalidades e duração variáveis (*Circular 447, página 8, b*).
- ♣ “Já existem, de fato, grupos que não adotaram uma estrutura jurídica” (*Circular 447, pág. 9, c*).
- ♣ “ (Um Encontro internacional de Irmãos, Colaboradores e Associados) para **analisar e avaliar** o andamento de processos de associação” (*Circular 447, proposição 3, pág. 11*).
- ♣ “Percebe-se a necessidade de favorecer em todas as experiências associativas um “**forte sentido de pertença**”” (*Circular 447, pág. 13, 4*).
- ♣ “Deve ser tomada em conta a necessidade de multiplicar as **experiências associativas** durante um tempo determinado, para que possam ser **analisadas e avaliadas**, assim que concluídas” (*Circular 447, pág. 13, 5*).
- ♣ “A Província terá que assumir a responsabilidade da **avaliação** dessas experiências, para autenticar seu **compromisso associativo** com o Instituto” (*Circular 447, pág. 15, 2 e*).

¹ As páginas onde se encontram as citações, são sempre as das traduções para a língua portuguesa.

- ♣ “A **associação** se expressa, especialmente, em estruturas de animação e de acompanhamento. Essas estruturas se desenvolvem em total colaboração com a comunidade local de Irmãos, e com **um vigoroso sentido de pertença** à Província, que é a garantia de sua autenticidade lassalista” (*Circular 447, pág. 15, 3, a*).
- ♣ “Que as Regiões, Províncias... durante os próximos sete anos: **avaliem e reforcem** as atuais experiências de animação e de acompanhamento da colaboração nas obras lassalistas. Animem, apóiem e avaliem novas formas de colaboração e de associação, que permitam àqueles que lhes dão vida, encontrar novas modalidades de compromisso no serviço educativo aos pobres” (*Circ. 447, 17, Proposição 4*).

A um simples olhar, a leitura destas referências dá azo para uma série de reflexões e de discussões.

- ♣ “Os Irmãos **devem questionar-se incessantemente sobre como, na prática, vivem a associação...**”

Já de início nos deparamos com uma convicção que não deixa vez para qualquer dúvida. É uma chamada à responsabilidade pessoal do Irmão para o que se refere à pertinência associativa. Cada Irmão é convidado a se interrogar, não somente na etapa anterior à profissão temporária ou à profissão perpétua, mas constantemente. E isto, porque se trata de algo que tem conseqüências na própria vida e na missão do Irmão.

Trata-se, pois, de uma auto-reflexão interior que deve ser realizada constantemente durante a permanência associativa. Mas não é uma reflexão teórica, abstrata. Não é uma simples opinião subjetiva descontextualizada. É uma reflexão concreta, vital, prática. Estamos falando de aspectos dimensionais do fato associativo, não de elementos teóricos secundários.

Como os Irmãos poderão levar a bom termo essa recomendação capitular? - No concreto, o que é que nos é solicitado? – Voltaremos a este tema mais adiante. Por ora, só nos resta acrescentarmos a estas linhas introdutórias um breve comentário sobre algo a que já fizemos referência, e que constitui parte do pensamento capitular sobre o conceito associativo como são: *o sentido de pertença - os grupos intencionais e sua estrutura jurídica - e a avaliação das formas associativas.*

O Sentido de Pertença

Falar do sentido de pertença é falar do próprio conceito de pertença. A pertença não é um fato pontual, formal, puramente ritualista, mas que suporta um sentido, uma consciência, um algo que ultrapassa o pronunciamento de uma fórmula, ou na recepção de determinados símbolos no momento do ingresso em tal ou qual instituição. A pertença é um processo que se vai gestando dia-a-dia. Esse processo gera um sentido, uma consciência psicológica de pertença. E, precisamente, aqueles “*que desejam converter-se em associados devem refletir sobre esse tipo de processos*” (*Circular 447, pág. 8, b*), já que sua etapa associativa deve criar neles não uma pertença de grau de mediania, mas um **forte sentido de pertença**” (*Circular 447, pág. 13, 4*).

Grupos Intencionais e sua Estrutura Jurídica

O Capítulo Geral, ao definir os *grupos intencionais*, assinalou como característica básica de pertença o *apelo interior*. Somente os membros destes grupos podem ter livre acesso aos verdadeiros motivos que os levaram a fazer parte de tais grupos.

Os grupos intencionais são grupos de voluntários que se associam para **viver** *algumas características lassalistas* (de modalidades e duração variáveis). Esta nuança é importante, uma vez que, por um lado, não é um simples grupo de amizade. É, antes de mais nada, uma associação prioritariamente voltada para uma vivência, a uma dimensão existencial, integral. Por outro lado, os grupos intencionais fazem referência às respectivas identidades dos distintos tipos de associados.

Evidentemente, a estrutura jurídica diferencia e diferenciará uns grupos lassalistas de outros grupos. Inclusive, existem e existirão grupos que não tenham nenhuma estrutura jurídica formal, porque aquilo que realmente diferencia uns grupos de outros, não são as estruturas, mas os conteúdos. E o verdadeiro *conteúdo*, direto ou indireto, do associacionismo lassalista não pode estar mais claro: “*o serviço educativo a pobres*” (Circular 447, pág. 11, proposição 1).

Análise e Avaliação do desencadeamento do processo de associação

O encontro internacional de 2006, dentre outros objetivos, terá o de avaliar e analisar **processos** de *associação*. Fala-se de processos, não de feitos associativos. Isto está a exigir a elaboração, aplicação e interpretação de um seletor instrumental de análise e de avaliação.

Pelo já exposto, se pode deduzir a profunda implicação das ciências sociológicas na compreensão do associacionismo assim como foi expressado no 43º Capítulo Geral. É exatamente isto que tenciono fazer nestas páginas: chegar-me ao fenómeno associativo a partir de uma perspectiva diferente da teológica, ou da lassalista, de modo que possa complementar, nunca substituir, as perspectivas anteriores.

1. AS FORMAS OU MODALIDADES ASSOCIATIVAS

1.1. Considerações Gerais

Quando damos uma olhada em nosso derredor, podemos entrever grupos e organizações das mais variadas categorias possíveis. Os grupos nos atraem a atenção, e não se trata de debilidade ou de fortaleza das predileções ou das aversões, visto que todos somos influenciados ou coagidos por esses grupos. Mas, ao mesmo tempo, contribuimos a formá-los e reformá-los.

Pelo menos nas sociedades complexas, como a nossa, os indivíduos formam parte de numerosos grupos sociais, grupos que se supõem sejam totalmente significativos para o bem-estar individual.

Um grupo psicológico pode ser definido como “*duas ou mais pessoas que reúnem as seguintes condições: 1. Os relacionamentos entre os membros são interdependentes, isto é, a conduta de um deles influi na conduta dos demais. – 2. Seus membros compartilham uma ideologia, isto é, um conjunto de valores, crenças e normas que regulam seu comportamento mútuo. Esta ideologia se desenvolve quando os membros do grupo atuam em tarefas comuns e, ao mesmo tempo a ideologia termina sendo, até certo ponto, peculiar a eles como membros do grupo, e os delimita de outros agrupamentos*”.²

Quando os grupos se relacionam com outros, formam em conjunto as chamadas *organizações sociais*, que são definidas como “*sistemas integrados de grupos psicológicos relacionados entre si e que se acham estruturados para cumprir um objetivo previamente estabelecido*”.³

Em Sociologia, por um lado, é clássica a distinção entre *grupos primários* e *grupos secundários*. E, por outro lado, entre *grupos de pertença* e *grupos de referência*.⁴

Os *grupos primários*, fundamentalmente são caracterizados por:

- Número reduzido de membros, o que possibilita relacionamentos diretos, cara a cara, e um certo vínculo afetivo entre eles;
- uma relativa duração no tempo;
- a existência de uma forte solidariedade, coesão e identificação entre seus membros, sobre as quais se apóia a consciência de *nós*;
- servir de agentes de identidade e de integração social dos indivíduos que formam parte desses grupos.

Na tradição sociológica, estas formações sociais sempre têm sido consideradas com uma clara aparência emocional, baseadas no *sentimento*, no seio das quais cada indivíduo considera o outro como um fim em si mesmo; nelas os indivíduos se conhecem pessoalmente e *participam* mutuamente em suas vidas particulares. Os membros destas formações valorizam seu *relacionamento intrinsecamente*. A família, a turma de amigos, os vizinhos de um pequeno povoado,... são exemplos desses grupos. O sociólogo alemão Ferdinand Tonnies os denominou **Gemeinschaft** ou **Comunidade**.⁵

² Cf. D. KRECH, *Psicologia Social*, Biblioteca Nueva, Madrid, 1972, 395.

³ Cf. Op. Cit., 396

⁴ F. GIL e C.M. ALCOVER de la Hera, *Introducción a la Psicología de los Grupos*, Pirámide, Madrid, 1999, 93, e ss.

⁵ Cf. S. Giner, *Sociologia*, Península, Barcelona, 1975, 111.

Os *grupos secundários* são de cunho mais amplos, e se formam, geralmente, com algum propósito específico. São formações sociais baseadas em *interesses utilitários*; nelas o indivíduo considera os demais indivíduos como *meios* para alcançar seus objetivos; os membros da associação são conhecidos pessoalmente, e com eles se partilha a vida externa ou pública. Os indivíduos avaliam sua pertença ao grupo de modo extrínseco. As associações, os agrupamentos, os governos, os Estados,... pertenceriam a esses grupos. Tonnies os denomina de *Gesellschaft* ou *Associação*.

Estritamente falando, os *grupos de pertença*, são aqueles aos quais o indivíduo pertence em virtude de seu nascimento ou de outras circunstâncias da vida não imputáveis a ele: a raça, etnia, nacionalidade ou sexo. É evidente que, em alguns casos, é possível mudar de grupo de pertença, ao menos aparente ou nominalmente.

Quanto aos *grupos de referência*, podem ser definidos como aqueles pelos quais os indivíduos optam ou que eles selecionam como paradigmas, e, a partir dos quais moldam seus valores, crenças, atitudes, comportamentos, sentimentos... adaptando-se às suas normas e regulando seus pensamentos e atos em conformidade com eles.

Os grupos de referência são percebidos e valorizados por seus membros como atraentes, desejáveis, positivos para suas pessoas. Mas também, ocasionalmente, esses grupos podem chegar a modificar as situações primitivas dos indivíduos e tomar direções negativas, como acontece com a elaboração de estereótipos e preconceitos, ou a *lavagem cerebral* que certas seitas praticam.

Exemplos de grupos de referência podem ser de qualquer natureza, pelos quais o indivíduo opta: grupos políticos, culturais, religiosos, sociais, profissionais...

Autores como Speltini e Palmonari realçam, não tanto a influência que os grupos de referência exercem sobre as decisões ou situações, mas o fato da identificação ou do desejo de pertença, o que não deixa de ter sua importância. Para os sociólogos italianos, os grupos de referência “são aqueles com os quais o indivíduo se *identifica*, ou aos quais *quer* ou *deseja pertencer*.”⁶ Voltaremos a tratar deste assunto quando abordarmos os conflitos da pertença.

1.2. Associação e Associados: Elucidações terminológicas

Associação é um termo amplo que, em Sociologia,⁷ se aplica aos *relacionamentos* fortuitamente *duradouros* de ação recíproca. Esse relacionamento é o que une os indivíduos em grupos ou sociedades.

Um segundo aspecto da associação faz referência aos aspectos organizativos em vista da obtenção de algum proveito comum, o que acarreta a existência de uma determinada estrutura, e a distribuição de algumas atribuições determinadas.

Existem associações cujo fim principal recai sobre os membros da própria associação – por exemplo, a Adoração Noturna – e outras associações cujo fim principal recai sobre pessoas ou coisas alheias a elas – por exemplo, uma associação para lutar contra o câncer. Há ainda

⁶ Cf. SPELTINI, G. e PALMONARI, A., *I Gruppi Sociali*, Il Mulino, Bologna, 1999, 87.

⁷ Cf. *Diccionario de Sociología*, Fondo de Cultura Económica. Mexico 1994. *Diccionario de Sociología*, Alianza Editorial, Madrid 1998.

associações que combinam ambos esses fins – por exemplo, uma comunidade cristã que ademais tenha um determinado compromisso social.

Associada é aquela pessoa que participa em qualquer forma de interação social, seja para conseguir algo em comum, seja para opor-se a algo em comum. Mais concretamente, une-se a outras pessoas sem tomar em consideração as motivações psicológicas que conduzem a essa interação social.

Os termos *associação*, *associado*, considerados em si mesmos, são genéricos, muito amplos e pouco especificativos. O alcance do ato associativo estará em função do tipo de grupo, organização ou instituição de que se trate, assim como das condições e motivações da filiação. Por isso, torna-se importante conhecer muito bem a *quê me associo, com quem, para quê, por quê...*

Portanto, existem associações e associações, associados e associados. Constituiria um erro crasso designar com os mesmos conceitos realidades diferentes, de natureza e importância diversas.

1.3. Tipos de formas ou modalidades associativas

À luz do acima exposto convém que consideremos diferentes formas associativas para podermos contextualizar melhor as correspondentes modalidades associativas lassalistas. As duas primeiras deveriam ser consideradas como formas elementares de associação, e as três seguintes como formas progressivas.

1.3.1. Agrupamentos involuntários

A pessoa pertence a eles pelo simples fato de pertencer a uma determinada categoria: idade, nacionalidade, profissão..., mas entre as quais não existe nenhum tipo de relação. Não é uma pertença ativa, mas passiva.

1.3.2. Agrupamentos de proximidade

Alguns sociólogos os denominam simplesmente *agrupamentos*, e eles seriam constituídos pelas pessoas que se encontram ocasional ou temporariamente em algum lugar, mas que não têm nenhum outro tipo de vinculação. A predominante é a proximidade física. Supera a linha da pertença passiva, mas somente um pouco mais. Temos um exemplo disto no público de uma estação de ferrovia, de rodoviária, de aeroporto, de uma conferência, de qualquer espetáculo...

1.3.3. Agrupamentos defensivos

Os indivíduos se agrupam com a exclusiva finalidade de defender interesses ou vantagens comuns, econômicos, trabalhistas... Nestes agrupamentos já se vislumbra uma certa intencionalidade associativa, mas a partir de interesses exclusivamente individuais. As agremiações medievais ou os sindicatos são exemplos claros destes agrupamentos.

1.3.4. Agrupamentos formativos, culturais, recreativos e desportivos

Os indivíduos que se decidem a formar parte destes agrupamentos o fazem porque consideram que assim lhes será mais fácil satisfazer seus legítimos desejos de formação pessoal, incremento de seu nível cultural, prática de qualquer desporto, desfruto de lazer e tempo livre... Estas modalidades associativas se parecem com as defensivas, mas se diferenciam delas na superação do nível de necessidades que se procuram satisfazer.

1.3.5. Agrupamentos intencionais

Estes agrupamentos integram bom número dos elementos anteriores e acrescem o caráter intencional do projeto e a vontade livre dos membros de participar na formulação de seus objetivos e a consecução de suas finalidades. Nada disso seria possível sem uma interdependência e uma relação especial entre os membros. Os componentes vão em busca de sua felicidade, em algo que supera o estritamente pessoal: são objetivos altruístas ou transcendentais. Exemplos desses agrupamentos são os *Boys Scouts*, as ONGs, as comunidades cristãs e religiosas...

As cinco modalidades associativas não são excludentes, mas inclusivas. O fato de uma associação poder ser catalogada como de uma modalidade ou de outra, acontece pela maior ou menor presença dos traços distintivos de cada nível. Algumas associações já nascem com um perfil muito maduro, outras o vão adquirindo ao longo de todo o processo associativo, e há aquelas que optam pelo *status quo* inicial e o imobilismo ou estabilidade.

1.4. A Realidade Associativa Lassalista ⁸

Nesta parte do estudo vamos conferir a realidade associativa lassalista em três etapas diferentes: a das origens fundacionais, - a atual num presente-passado, - e a atual num presente-futuro. – A primeira pode e deve ser um ponto de referência significativo da segunda.

1.4.1. A primeira etapa da associação lassalista: O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs somente em si

Um dos aspectos que de início se destacam nesta primeira etapa das origens deste Instituto é a íntima relação entre o fato associativo (comunidade) e a finalidade associativa (missão). O segundo é a razão de ser do primeiro. Mas, desde os primórdios, o centro de gravidade associativa se tem situado na *comunhão*, nessa relação fraterna entre os que compõem a Sociedade, mais que na missão enquanto tal, ainda que esta seja a finalidade daquela.

A Associação é figurada como uma *macro-comunidade* cujo objetivo é enraizar a comunidade e fundamentá-la em seus vínculos internos para servir melhor à missão.

A Associação nasce para *universalizar* no espaço e no tempo a experiência da comunidade para a educação de pobres. É garantia de continuidade da comunidade para além da existência concreta desta no tempo e no espaço. – Vejamos alguns traços distintivos desses dois pólos da realidade associativa lassalista:

a) A Comunidade

É formada por um grupo de leigos (varões) e solteiros que aceitam viver de acordo com uma *Regra*, que

- cria um estilo uniforme de vida para o grupo humano (vida sob o mesmo teto, regulamento comunitário...);
- serve de importante fator de coesão interna para ele;
- proporciona uma plataforma válida e ótima para a missão;
- recebeu diversos nomes: *Comunidade das Escolas Cristãs*, *Sociedade das Escolas Cristãs*, *Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs*.

⁸ Nesta secção adotarei como base o artigo do Irmão Antonio Botana, *Associados para o Serviço Educativo a Pobres*, Documento de trabalho apresentado pela ARLEP ao 43º Capítulo Geral. Abril de 2000.

Aqueles que pertencem a essa comunidade vestem um *hábito* que:

- é um distintivo fora da comunidade, não de dentro;
- prova exteriormente a pertença a uma nova associação de professores, e que é sinal distintivo de outras comunidades religiosas e civis (sulpicianos, mestres-calígrafos, clérigos...;
- é também um elemento diferenciador diante dos pais dos alunos e de outras pessoas para as quais o hábito representava o símbolo de uma vocação de entrega à obra das escolas.

Do mesmo modo, os que pertencem a essa comunidade vivem o *compromisso* através de alguns meios concretos:

- A *promessa de associação* que era imprescindível para fazer parte da sociedade (os votos não definiam a pertença à nova comunidade. Eram facultativos).
- Mas os votos de 1691 e 1694 constituem o umbral e o núcleo da primeira associação lassalista:
 - ♠ Expressam em seu conjunto o nexo que se estabelece entre a dimensão *comunidade (juntos)* e a dimensão *associação para a missão*.
 - ♠ Representam um compromisso não com a obra das escolas, mas com a recém-criada Associação (com a Comunidade para as escolas cristãs); os votos, ainda que dirigidos a Deus, todos eles passam através dos Irmãos com os quais cada um se associa. O cumprimento se realiza *em e com os Irmãos*.

b) A Missão

- Está centrada na evangelização e no serviço educativo a pobres.
- Os destinatários preferentes ainda que não exclusivos são os pobres.
- É assumida pela recém-criada sociedade, e não isoladamente pelos membros.
- A escola lassaliana tem alguns sinais claros de conteúdo e de expressão assinalados no *Guia das Escolas*.

c) A relação comunidade-associação-missão ⁹

- A comunidade local se sente parte integrante da associação. A partir do sentimento de pertença, atua como delegada ou mediadora da associação para garantir o projeto local, e para que este atinja a finalidade da associação.
- O conjunto de comunidades – a *comunidade das escolas cristãs* - assume solidariamente a responsabilidade das obras educativas. O problema ou a necessidade de uma comunidade local é considerado um problema ou uma necessidade de conjunto.
- A associação desenvolve vínculos de comunhão entre as pessoas nela integradas, de tal maneira que as estruturas coletivas que caracterizam a associação lassalista tendem a constituir-se como comunidades que potenciam os relacionamentos pessoais, e não somente como organizações para o bom funcionamento das obras.
- A associação se propõe, como primeiro objetivo chegar a comunidades vivas que sejam sinais para a missão. Os membros associados assumem, como primeiro compromisso, sua contribuição para a formação das comunidades.

⁹ Cf. Antonio Botana, op. Cit. 5

1.4.2. A segunda etapa da associação lassalista: Irmãos das Escolas Cristãs e Leigos

A segunda etapa tem como novidade a incorporação dos leigos na obra educativa, que antes, era exercida exclusivamente pelos Irmãos, e agora são insuficientes em número para suprir as necessidades educativas existentes. Estritamente, não se pode sempre falar nessas incorporações de *associação* no sentido rigoroso e pleno do termo *associação intencional*. Acontece, isto sim, uma convivência de Irmãos e de Leigos, mas não necessariamente uma união de sentimentos e de ações em prol do objetivo básico da escola lassalista: *dar educação humana e cristã aos filhos dos artesãos e dos pobres*. Melhor dito, existe a colaboração mútua, o envolvimento em tarefas comuns, mais do que o conhecimento e a adesão pessoal à identidade lassalista da obra educativa.

Nesta etapa podemos distinguir fundamentalmente três manifestações associativas:

- a) Em torno da missão educativa.
- b) Em torno da espiritualidade lassalista.
- c) Em torno da missão educativa e da espiritualidade lassalista.

a) Em torno da missão educativa

- Os leigos se incorporam na tarefa escolar como meros colaboradores e, em determinados casos, lhes são confiadas responsabilidades diretivas.
- Os postos diretivos estão nas mãos dos Irmãos.
- A consciência de pertença é local mais do que institucional.
- Ainda que haja leigos que tenham a espiritualidade lassalista, não acontece um oferecimento institucional dessa espiritualidade.
- É um grupo majoritariamente constituído por professores homens e mulheres, por colaboradores em tarefas extra-escolares (religiosas e não religiosas) e num grau muito minoritário sobre o pessoal administrativo e de serviços.

b) Em torno da espiritualidade lassalista

- O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs abre sua espiritualidade aos Leigos, especialmente àqueles que colaboram nas obras educativas lassalistas.
- É importante ressaltar que essa abertura, a partir da realidade local, não se dá em sua totalidade por parte de todos os membros dos coletivos lassalistas – Irmãos e Leigos – com as repercussões lógicas que isto acarreta no emaranhado associativo tradicional ao produzir-se uma ruptura do *statu quo* existente.
- A abertura da espiritualidade lassalista aos Leigos cria um novo grupo de pessoas unidas por um *Espírito comum*, que dota um sentido mais profundo ao trabalho educativo, inclusive à tarefa pastoral.
- Este novo grupo humano pode ser denominado *comunidade de fé* ou *família espiritual lassalista*¹⁰ e será caracterizado por:
 - Compartilhar a missão, embora com as limitações próprias das situações pessoais.
 - Compartilhar diversos aspectos da vida fraterna e a espiritualidade.

¹⁰ Cf. Antonio Botana, op. Cit. 8

- A não-exigência do *compromisso explícito* nas respectivas comunidades locais e nos projetos concretos, o que faz com que, em consequência, não se garanta a continuidade do projeto lassalista.

c) Em torno da Missão Educativa e da Espiritualidade Lassalista

É uma combinação das duas manifestações anteriores.

1.4.3. A terceira etapa da associação lassalista: um futuro em construção

Duas são as principais alternativas que uma Instituição, como a dos Irmãos das Escolas Cristãs, tem quando comprova que:

- sua razão de ser, seu *Projeto, seu Carisma*, continua tendo vigência na atualidade;
- o rápido envelhecimento de seus membros e a escassez e lentidão de novas incorporações; Leigos e outros Consagrados identificados com este *Projeto, com este Carisma*, manifestam seu desejo de unir-se à Instituição para assim poder levá-lo melhor a bom termo.

Estas duas alternativas a que nos referimos são:

- Continuar na inércia associativa existente até onde for possível;
- Iniciar novas formas associativas que revitalizem o Carisma lassalista.

Um modelo que pode explicar bem as novas formas associativas é aquele esboçado por Antonio Botana, que ele denominou de sistema *planetário solar*¹¹, em cujo centro está o sol, a *estrela lassalista*, isto é, a missão que a todos convoca, e em torno da qual todos se movem. É preciso saber situar-se no sistema, conhecendo bem a identidade de cada ente associativo e sua modalidade de pertença a ele.

Para Antonio Botana o esquema tem duas alternativas extremas:

Na *primeira* o Instituto dos Irmãos figuraria como único planeta que gira em torno da missão lassalista. Em torno deste planeta giram os diversos satélites, que seriam os novos associados lassalistas, seja individualmente, seja em grupos homogêneos.

Esses associados somariam aos requisitos assinalados no parágrafo 1.4.2 o compromisso explícito de associação, temporário ou definitivo, com outros companheiros, para assim tornar mais viável o carisma lassalista. É a situação que se tem dado até agora.

Na *segunda*, que pressupõe uma mudança radical com respeito à estrutura institucional anterior, seriam diversos os planetas que formariam o sistema solar: Irmãos das Escolas Cristãs, Irmãs Guadalupanas de La Salle, Irmãs de La Salle do Vietnã, Signum Fidei, Catequistas de Jesus Crucificado e Maria Imaculada, Comunidades Cristãs La Salle,... Cada um deles mantendo sua própria estrutura jurídica e seus respectivos gestos de identidade, isto é, sendo verdadeiros *planetas* girariam em torno dessa *estrela* que representa a missão educativa lassalista.

O carisma legado aos Irmãos por São João Batista de La Salle, e do qual eles continuam sendo garantia, a partir de agora será partilhado por outros grupos associados, que também devem visar a tornar-se, de algum modo, *garantia* do carisma lassalista.

¹¹ Cf. Antonio Botana, 12-14.

Nasce um novo conjunto associativo que, logicamente, deverá ter seu próprio nome, e onde cada uma das partes continuaria ostentando sua denominação e seu dinamismo funcional existente.

Mas, a principal novidade que se avizinha da estrutura associativa que estamos comentando não será o nome, nem tampouco os aspectos jurídicos concernentes ao reconhecimento eclesial pertinente, que afetam as associações do tipo religioso. Desde nosso ponto de vista, as maiores novidades se concentrarão no campo dos relacionamentos interpessoais e nos novos rôis que os diversos membros das partes desse todo deverão assumir, tanto no conjunto de suas próprias modalidades associativas como no conjunto dessa nova entidade associativa, desse *sistema planetário*, que gira em torno da *estrela* da missão educativa lassalista.

Na nova estrutura associativa temos que aprender a identificar-nos e identificar os outros associados de outra maneira; haverá um organograma interno e externo diferente da realidade comunitária; deverão ser interpretados de outra maneira os possessivos *meu, teu, seu, nosso, vosso*, com referência ao carisma, ao Fundador, à missão...

O Irmão já não se associará somente a outros Irmãos para a missão, mas também o fará com outras pessoas que, por sua vez, pertencerão a outros agrupamentos institucionais. Uns e outros, planejarão juntos, farão projetos, levarão a bom termo a missão, partilharão a fé... É uma nova forma de ser e de estar, e isto muda substancialmente o *status quo* existente.

Da relação entre as partes (planetas) e o todo (sistema planetário) se ocupa o *instrumento de percepção analítica* integrado na Teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva, de Reuven Feuerstein. Não será exagerado recordar alguns dos princípios mais significativos. Ver-se-á, em seguida, a grande utilidade que pode ter para o tema que nos ocupa:

- É preciso saber diferenciar os limites entre cada parte e o todo.
- Um todo se compõe de partes que, por sua vez, constituem outro todo.
- O todo se divide em partes para responder a necessidades específicas..
- Temos que ser capazes de identificar, reconhecer e nomear cada parte, para sermos capazes de usá-las.
- O todo depende das partes e da relação de umas com as outras.
- Um todo pode ser identificado por suas partes.
- As partes de um todo parecem muito diferentes quando as isolamos do todo em que estão incluídas e integradas.
- Quando se aplicam estratégias adequadas vêem-se com mais facilidade a semelhança e as diferenças entre as partes.
- Um todo não somente se compõe de um número determinado de partes, mas da relação que guardam entre si.

Isto que acabamos de expor pode proporcionar idéias para dar o salto do concreto ao próximo, que é o local, ao concreto (ou abstrato) e distante (provincial, regional, universal). Neste intenção,

- ♣ A associação lassalista, macro ou micro, deve caracterizar-se pela participação em projetos concretos próprios de comunidades intencionais. Como muito bem assevera Antonio Botana, a associação somente pode surgir do itinerário percorrido em comunidade para dar uma reposta às necessidades educativas dos pobres.

- ♣ A comunidade local é o primeiro passo para criar vínculos de comunhão e de solidariedade com os demais membros da comunidade lassalista.
- ♣ Nessa comunidade local é preciso distinguir:
 - a comunidade educativa (é o coletivo mais amplo)
 - a(s) comunidade(s) cristã(s).

Os pressupostos básicos, fitados desde uma óptica puramente sociológica seria os seguintes:

- Conhecimento em profundidade do Carisma Institucional e do Projeto Educativo Lassalista.
- Compromisso expreso de permanência com os outros membros da associação preferentemente ao compromisso com a tarefa educativa.
- Explicitação do âmbito geográfico associativo: local, provincial, regional...
- Disponibilidade do associado quanto à missão ou a finalidade da associação.
- Marco referencial em que se encarne o carisma lassalista (*Regra para os Irmãos; Estilo de Vida para os Signum Fidei...*).

2. O CONCEITO DE PERTENÇA

2.1. As diversas acepções

Quando nos chegamos aos dicionários para saber do significado dos termos *pertinência*, *pertença*, nos defrontamos com um amplíssimo leque de acepções. Um bom número delas identifica *pertinência*, *pertença*, com *propriedade*, quer seja de bens culturais (direitos humanos, por exemplo), quer seja de bens materiais (área econômica, sobretudo).

Encontramos também referências explícitas a contextos sociais. O membro de um grupo ou associação deve considerar a entidade associativa como *algo de sua propriedade*, mas uma propriedade não exclusiva, porém partilhada. Devemos dizer, ademais, que a *pertença* psicossociológica supera em complexidade a *pertinência* das coisas materiais.

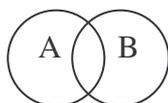
Outras acepções contemplam uma nova modalidade desta propriedade que supera o domínio do econômico. Assim nos encontramos em face desta definição: “*Ser da pertença de algo é retribuir-lhe alguma coisa; ter obrigações com ele*”¹² (Ex.: “É um assunto que me pertence exclusivamente”). Isto acarreta implicação, responsabilidade com respeito à entidade associativa qualquer que seja, e não apenas “estar” dentro dela.¹³

Um membro de um grupo é *parte dele*, mas não parte meramente quantitativa como as peças de um quebra-cabeça, mas parte interativa imprescindível para dar a esse grupo uma identidade bem definida e um funcionamento eficiente. Por isso, a um membro *ativo* corresponde interessar-se por qualquer *assunto*, qualquer coisa que afete o conjunto, embora não tenha uma responsabilidade direta sobre ele.

¹² Cf. *Enciclopedia Universal ilustrada Europea-Americana. Espasa Calpe*. T. 43.

¹³ Nota do Tradutor: Os Cadernos MEL 15 vieram com estes títulos: Espanhol: La Pertenencia Asociativa – Francês: L’Appartenance Associative – Inglês: Associative Belonging. – Na tradução para o português preferiu-se o termo AS PERTINÊNCIAS, (tudo quanto é pertinente a) bem mais abrangente do que a simples PERTENÇA (condição de pertencer a).

Parece-me mais íntima a relação da pertinência sociológica com a *pertinência lógica* ou com o conceito de *pertinência matemática*. Em filosofia, por pertinência lógica se entende a *relação do indivíduo com a classe de que faz parte*. Em matemática, fala-se de relação de pertinência para referir-se à propriedade de certos objetos de serem elementos de um conjunto. O conceito matemático de pertinência aplicado ao tema que nos ocupa nestas páginas resulta bastante sugestivo. Vejamos o gráfico:



Como se pode observar, tudo quanto pertence a “A”, como o que pertence a “B” e o que pertence a “A e B” fica perfeitamente delimitado. Isto significa que os conjuntos permanecem identificados tanto em suas características próprias, como nas características que compartilham. Este gráfico pode tornar-se muito esclarecedor, quando mais adiante nos adentrarmos nas características do conceito de pertença, e virmos as aplicações mais concretas ao mundo associativo lassalista.

Outra acepção sumamente interessante da pertença é a de *referir-se ou estabelecer a relação de uma coisa com outra, o ser parte integral dela*.¹⁴ Esta acepção me parece interessante, pois alude à implicação ou envolvimento dos membros de um grupo com os outros membros do mesmo grupo. O fato de estar consciente de que alguém forma parte de um grupo traz consigo algumas implicações em relação com os restantes membros. Por isso, para alguns analistas do termo “pertencer” é *estar a serviço de alguém, estar associado, ligado, relacionado com, ser o um para o outro...*

Por fim, sobre o conceito de pertença associativa digamos que esta nunca implica em anulação da identidade pessoal ou da personalidade de cada um dos associados. Antes de pertencer a qualquer entidade exterior é preciso *pertencer a si mesmo*, isto é, *ser dono absoluto das próprias ações*.¹⁵ A pertença associativa, assim, não pode ser alienante, mas deve potenciar o eu pessoal. Esta deve ser uma das principais funções de qualquer agrupamento humano: desenvolver ao máximo o potencial individual de cada um dos seus componentes.

2.2. Componentes do sentido de Pertença¹⁶

Do meu ponto de vista, a pertença tem os seguintes quatro componentes principais:

- a) cognitivo
- b) valorativo
- c) afetivo
- d) social

Irei descrever brevemente cada um deles:

a) Cognitivo

Falar do componente cognitivo da pertença é falar da própria natureza dos grupos. Ou seja, de seus objetivos ou fins, e dos meios que o grupo estabeleceu para alcançá-los.

¹⁴ Cf. *Enciclopedia Universal Ilustrada Europea-Americana*. Espasa Calpe, T. 43.

¹⁵ Cf. *Enciclopedia Universal Ilustrada Europea-Americana*. Espasa Calpe, T. 43

¹⁶ Cf. *Introducción a la Psicología de los Grupos*. Op. Cit. 108 ss.

Quando uma pessoa opta pelo ingresso num grupo, associação ou instituição, supõe-se que esteja realizando um ato livre e voluntário. Mas isto não seria possível se a pessoa não conhecesse a fundo, tanto os objetivos como os meios.

A prática da pertença associativa nos fala de que uma pessoa pode decidir associar-se a outro grupo, não tanto pela identidade dele, que até mesmo pode desconhecer, mas pelo fato de que neste grupo irá encontrar pessoas que são muito significativas para ela. A busca de interdependência é congênita a todas as pessoas, mas não pode ser a principal razão que mantenha uma pessoa no seio de uma determinada associação.

O ingresso e a permanência associativa, em todos os momentos, devem ser atos intencionais e plenamente conscientes. Ambos se conjugam em *voz ativa*, e nunca em *voz passiva*. A permanência se vivencia, não se é indulgente com ela.

b) Valorativo

Não só é preciso que o sujeito seja consciente de sua situação de pertença. É também necessário que esteja consciente do tipo de incidência que essa pertença tem para ele: positiva, negativa ou indiferente, bem como da correspondente intensidade. Isto lhe servirá para revisar seu sentido de pertença, potenciá-lo, modificá-lo se for preciso, ou abandonar a pertença associativa por considerá-la inútil ou prejudicial para seus interesses.

O componente valorativo também faz referência à repercussão do fato associativo no entorno familiar, de trabalho, e social do sujeito. Dito de outro modo, de que maneira e em que medida a pertença a um grupo, associação ou instituição incide no meio familiar ou comunitário, no ambiente de trabalho ou nos relacionamentos sociais das pessoas. Provavelmente, é o componente que mais claramente nos fala do sentido da pertença, isto é, da transparência associativa.

c) Emotivo

Os dois componentes anteriores, de colorido mais racional, devem vir acompanhados do componente emotivo, que integra a ambos e que imprime à pertença uma tonalidade vivencial, onde os sentimentos e as emoções desempenham um papel importantíssimo.

O grupo social, para qualquer de seus membros, deve ser um *manancial de otimismo*. Sentir-se a gosto, ou a contra-gosto, é fator decisivo para a saúde psíquica daquele que pertence a um grupo social. Não se trata de *vantagens materiais*, mais próprias do componente valorativo, porém de *vantagens para a própria personalidade* do associado. Neste sentido o quadro associativo deve constituir um espaço sócio-emocional positivo, capaz de causar alegria a cada um dos seus componentes, onde reine o bom-humor e onde o contentamento supere as contrariedades.

Para o indivíduo, a pertença associativa tem que ser necessariamente um poderoso aliado capaz de proporcionar-lhe estabilidade afetiva, e o leve à realização pessoal e à integração total. Caso contrário, é a própria pessoa que deverá optar por abandonar o grupo, ou o próprio grupo deve aconselhá-la que o abandone, proporcionando-lhe, se assim concordar, novos rumos associativos.

d) Social

Um dos fatores que, com maior frequência, é responsável pela formação e a vitalidade dos grupos, é o *entorno físico* e, especialmente, a proximidade ou vizinhança de seus membros. Na sabedoria popular se afirma que *a convivência faz nascer a dedicação*. E tem toda razão. Quando nos grupos primários ou de pertença, este traço de *ver-se face a face* está ausente, os vínculos afetivos se debilitam consideravelmente e, pelo oposto, quando nos grupos secundários ou de referência, se reforça a presença física de seus componentes, esses vínculos se fortalecem, e os indivíduos se sentem à vontade entre si, preferindo estar mais tempo nestes grupos do que naqueles.

A circunstância de freqüentar certos lugares ou espaços vinculados a uma determinada organização ou associação, pode facilitar o surgimento de afinidades ou interesses comuns que configuram ou reforçam o sentido de grupo.

O entorno social também é determinante no fato de uma pessoa decidir ingressar num grupo já constituído, ou na formação de novos grupos. Quanto mais *redes sociais*, isto é, oportunidades de conhecimentos inter-pessoais se criarem, maiores serão as oportunidades de pertença associativa.

No mundo atual se faz presente um medo crônico da solidão. As pessoas sentem a necessidade de estar com outras pessoas. E, quando uma pessoa está só, ela precisa colocar os fones de ouvido, ou relacionar-se com outros através do telefone celular, e, muitas vezes - como se chegou a concluir em alguns estudos - não para comunicar algo de concreto, mas simplesmente para saber se o outro está *ali*, e, portanto, ela sentir que não está sozinha. Assim pois, a ânsia e a necessidade de interdependência podem chegar a anular o componente cognitivo da pertença associativa, em vez de exercer sua função aglutinante e catalisadora.

3. TIPOS OU MODALIDADES DE PERTENÇA

Depois de tudo o que foi dito na secção anterior, seria ingênuo julgar que a pertença seja uma realidade simples, uniforme e fácil. Bem melhor seria falar de uma realidade complexa, pluriforme e de muitos lados ou faces. Do meu próprio ponto de vista ¹⁷, distingo dois grandes tipos ou modalidades de pertença: a identificadora, e a não-identificadora.

3.1. Pertença Identificadora

Esta se caracteriza por uma elevada consciência psicossociológica de que se está *ralacionado com, se pertence a, se está ligado a*, que já *não se pertence só a si mesmo, se é o um para o outro, se está a serviço de, se forma parte de*, ...

Evidentemente, chegar a este estado de elevada consciência psicossociológica de pertença, não é questão de atos pontuais, de cumprimento de rituais mais ou menos rigorosos, de momentos formais de entronização, do cumprimento de determinadas exigências,... É fruto de todo um processo mais ou menos permanente. Os ritos de ingresso nas diversas modalidades associativas, por si mesmos não proporcionam essa consciência, embora possam ajudar, com certeza, a criá-la e/ou reforçá-la, caso se derem uma seqüência de circunstâncias e de fatores coadjuvantes.

Os membros que usufruem de uma pertença identificadora à associação, comunidade, instituição, grupo,...consideram cada uma dessas pertinências associativas como algo próprio. Há um enriquecimento mútuo, individual e coletivo. Disto resulta que sua permanência seja mais permanente, visto existir mais apoio, se resolverem melhor os conflitos pessoais e os grupais, haver maior satisfação interior, e, sobretudo, maior grau de auto-realização.

Mas, dificilmente se poderia entender bem o conceito de pertença identificadora, sem tomar em consideração a identidade dos membros que se associam, os fins e atividades próprias da associação, e o tamanho dela.

Identidade

Os membros são a maior riqueza de qualquer grupo ou associação. As diferentes formas ou modalidades associativas não podem centrar-se exclusivamente em seus objetivos específicos, deixando “à própria sorte” os membros que a compõem. Não. Como o próprio nome indica, a pertença, caso for identificadora, reforça, serve de plataforma para uma maior e mais completa auto-realização do eu pessoal. Contrariamente, com um grupo que absorve, anula, dissolve, aliena, altera negativamente o *eu*,... a pertença jamais poderá ser identificadora. Numa entidade associativa madura, a identidade de seus membros e a consecução dos objetivos próprios da associação, são perfeitamente compatíveis. O binômio identidade individual - identidade grupal, é algo que deve estar em permanente relação dialética. Isto servirá para elucidar a permanência, fortalecê-la, revigorá-la, ou evitar conflitos que levem a frustrações pessoais ou ao abandono de associado.

De acordo com Pedro Gil, a identidade lassalista se afirma categoricamente em dois pólos que se devem nutrir mutuamente: *missão e espiritualidade*. A regra, e de algum modo, com ela todos os escritos lassalianos se movimentam entre estes dois pólos. Como muito bem assevera o

¹⁷ Cfr. RIVERA MORENO, Juan A., *Sociología del hecho religioso cristiano*, San Pio X, Madrid 2001, 109-111.

autor: *“Quando a missão que uma comunidade religiosa vive não corresponde àquela outra Missão para a qual foi estabelecida... a observância da Regra é impossível. Quando a Espiritualidade, isto é, o estilo de relacionamento com Deus, não corresponde àquilo que se vive como missão, a observância da regra é impossível. Quando... Podemos imaginar todos os casos de desajuste entre Missão e Espiritualidade: em todos eles é impossível a observância das Regras estabelecidas. Em todos eles a identidade vive atormentada, até o limite da esquizofrenia”*¹⁸

Não é por casualidade que a primeira proposição do 43º Capítulo Geral aborda explicitamente o tema da identidade: *“Que, com o objetivo de favorecer e de impulsionar os processos de crescimento da associação lassalista para o serviço educativo a pobres, nos próximos sete anos, cada Região, Província... decida as ações concretas para promover o surgimento e o crescimento de grupos de Colaboradores e/o Associados e de Irmãos ou, de Colaboradores e/ou Associados entre si, que reflitam sobre sua identidade para a missão lassalista; e que eles produzam formas novas de associação”*.

As diversas formas associativas surgidas para uma *mesma* missão se deverão elucidar em torno de seu perfil identificador. Esse perfil deverá ser bem conhecido pelos membros que, após o necessário processo deliberativo, decidirem ingressar em tal ou qual entidade associativa. Acabamos de referir-nos à importância de uma pertença identificadora com o que isto pressupõe em relação com uma estabilidade mais qualificada e permanente dos membros.

Objetivos e atividades próprias da associação

Não existe associação sem objetivos. Da natureza e da importância destes objetivos dependerão, não somente seu perfil identificador mas também as atividades comuns e específicas das diversas entidades associativas.

Há um denominador comum para as três modalidades associativas lassalistas, oficializadas no 43º Capítulo Geral (Irmãos, Colaboradores/as, Associados(as): a **missão**. E esta missão, como o próprio Capítulo reconhece, desde as origens do Instituto, está em relação com **a evangelização e o serviço educativo a pobres**.

Em **síntese**, na pertença identificadora se dão:

- a) a identificação em grau aceitável, ao menos, com os objetivos próprios da associação, grupo, comunidade ou instituição.
- b) Um elevado índice de participação nas atividades próprias da coletividade.
- c) Uns relacionamentos íntimos com os membros associados.

Uma categoria especial de pertença identificadora seria a daquelas pessoas que, sem manterem uma vinculação *“de jure”* com uma determinada associação, mantêm uma vinculação *“de facto”*. Sem estarem unidas por vínculos formais: promessas, votos, declaração,... se vinculam à entidade associativa com seus compromissos de vida, sua constante participação nas atividades, sua identificação com o espírito e o fim do grupo ou comunidade respectiva, a dedicação do seu tempo livre,... e outras coisas.

Tamanho da associação

O fato de que uma entidade associativa ter um determinado tamanho tem uma importância decisiva na aquisição, conservação e compensação das deficiências da pertença

¹⁸ Cfr. Pedro GIL, *Três siglos de identidad lasalliana*, Maison Generalice FSC, Roma, 1994, pág. 28.

identificadora. Ter um sentido de pertença a um grupo pequeno é algo mais fácil de obter, do que consegui-lo para uma macro-instituição.

A pertença a essa nova macro-instituição lassalista se obteria através da pertença a micro-instituições correspondentes. O processo associativo inicia por uma micro-pertença (começa-se formando parte de um grupo, comunidade, associação,...) mas deve acabar na macro-pertença (ter uma vivência clara desse grupo, comunidade, associação, integrados numa estrutura organizativa superior).

O salto do micro ao macro na pertença é o desafio que é preciso superar. Impõe-se uma estrutura de vasos *comunicantes* entre as diversas partes desse todo associativo.

3.2. Pertença não-identificadora

A pertença pode ser considerada como não-identificadora, quando somente se dá uma vinculação jurídica, formal, geográfica, ritual,...- Junto a ela se apresenta uma escassa ou nenhuma vivência psicossociológica.

A pertença não-identificadora tem uma grande quantidade de manifestações. Vou citar algumas dessas manifestações:

- a) Quando o ingresso e a permanência num grupo, associação, movimento, instituição,...estão em função de motivações diferentes do atrativo ou incentivo que os objetivos e os meios específicos podem provocar no sujeito. Se, de um grupo, o único aspecto que me atrai é a presença de uma ou de várias pessoas, não se produz uma pertença identificadora com a natureza própria do grupo. Neste caso, a permanência não se baseia em algo substancial, de conteúdo específico, mas em algo relacional. Quando não se sacia a sede da interdependência dentro, será preciso saciá-la fora.
- b) Caberia dizer a mesma coisa quando a pertença a um grupo apenas serve para proporcionar *alimento individualizado* ao sujeito, isto é, satisfações pessoais, à margem de se os objetivos que dão razão de ser ao grupo, são alcançados ou não. Neste caso não se deu a passagem do *eu* ao *nós*. Portanto, não podemos falar de pertença identificadora, porque esta sempre deve relacionar-se com algo fora do próprio sujeito, mesmo que inclua também a este.
- c) Uma terceira forma de pertença não-identificadora se produz quando a pertença não é adscriptiva, isto é, intencional, mas passiva ou hereditária. É a influência ambiental (familiar, de trabalho, social) que influi decisivamente no momento da opção associativa, e não o verdadeiro conhecimento pessoal dos objetivos e das atividades da entidade associativa. É claro que o pessoal e o ambiental não têm por quê ser excludentes. Pelo contrário, em algumas ocasiões até podem contribuir positivamente na tomada de decisões, o que é competência exclusiva da pessoa que se associa. O que queremos dizer é que o fator ambiental não deve ser o único fator decisório no fato associativo. Se se der deve sempre estar sujeito ao componente cognitivo e valorativo.
- d) É uma realidade que, hoje, as pessoas não têm uma única pertença associativa. É impossível numa sociedade moderna, tão diversificada. Pertencemos a múltiplos e variados coletivos. Teoricamente essa múltipla pertença é possível. E também na prática, mas sempre, e quando existir no sujeito uma hierarquia valorativa devidamente

estabelecida. Se isto não ocorrer, entra-se num inevitável conflito de pertenças. Então, o sujeito tem duas saídas: ou abandonar a associação, ou permanecer nela de maneira puramente formal, passiva, mas longe de pertença identificadora. É o caso dos membros que apenas participam nos atos próprios de sua associação, porque estão mais identificados com outras associações que, quais ímãs potentes os tiram, despertando um atrativo maior.

Uma das imagens mais plásticas e reais desta pertença não-identificadora encontramos nas Regras escritas por São João Batista de La Salle:

“O mais importante e o que mais atenção exige numa comunidade é que todos os que a integram tenham o espírito que lhe é peculiar.

“Apliquem-se os noviços a adquiri-lo. Os que já vivem em comunidade empenhem-se, acima de tudo, em conservá-lo e aumentá-lo em si. Pois é esse espírito que deve animar-lhes as obras e impulsionar-lhes o agir. Os que não o possuem ou o perderam devem ser considerados e considerar-se a si mesmos como **membros mortos**, pois se acham privados da vida e da graça de seu estado. Devem convencer-se também de que lhes será muito difícil conservar-se na graça de Deus”¹⁹

Os **membros mortos**, portanto, têm uma pertença jurídica, formal, mas não uma pertença identificadora. Formam parte numericamente do grupo ou associação, mas não fazem parte vivencialmente. Estão dentro, porque conservam os vínculos associativos formais, mas estão fora porque não estão contribuindo com sua presença para a vitalidade do grupo.

4. OS CONFLITOS DA PERTENÇA

Existem pertenças que podem ser contraditórias e geradoras de conflitos. Outras são compatíveis entre si, e não existe nenhum tipo de problema entre elas. Nesta secção irei referir-me às primeiras.

4.1. Origem e natureza

Os grupos sociais são, ou deveriam ser como os seres vivos. A alternância entre situações de calma, e outras de intranqüilidade, é própria dos seres vivos. Costuma-se dizer que o maior conflito de um grupo é a ausência de todo tipo de conflito. As discordâncias internas são indicadores de autonomia e de liberdade de pensamento. Essas discordâncias devem ser compatíveis com alguns relacionamentos internos que convirjam na consecução dos objetivos do grupo, e não causem dano grave à sua identidade.

Pode afirmar-se que um conflito de pertença pressupõe a alteração de uma situação de tranqüilidade associativa por razões internas ou externas à pessoa associada. É a ruptura do *status quo* existente.

Como afirmei acima, nas sociedades modernas, como a nossa, a pertença única praticamente não existe. Cada indivíduo pertence a um ou mais grupos primários, e a um ou mais grupos secundários. Há muitas incorporações e muitos abandonos em cada um deles no decurso de nossa vida. Em cada grupo, o indivíduo aprende as condutas adequadas à função que desempenha. No decorrer de um dia, um mesmo indivíduo pode desempenhar as mais variadas

¹⁹ Cf. *Obras Completas de San Juan Bautista de La Salle*. San Pio X 2001. Tomo I, 13-14.

funções: membro de uma comunidade religiosa, professor de uma escola pública, presidente da associação de bairro, animador de um grupo desportivo, responsabilidade de um clube de lazer...

Quando todas essas tarefas são desempenhadas sucessivamente, o mais provável é que nenhum conflito seja ocasionado. Mas, quando isto não acontece, isto é, quando as funções têm que ser desempenhadas simultaneamente, uma atividade terá que ser deixada de lado, em benefício de outra. Caso essa situação se repetir com certa frequência, o mais lógico é que se produza uma incompatibilidade de pertença, uma situação conflitiva, que obrigue o sujeito a conviver com o conflito, ou resolvê-lo temporária ou definitivamente. Pode ocorrer também que um indivíduo tenha que desempenhar atividades antagônicas. Por exemplo: um médico que seja ao mesmo tempo cirurgião e “testemunha de Jeová”. Esse médico, com certeza, irá esbarrar com certas dificuldades, que o incapacitarão para desempenhar as duas funções de maneira adequada.

Em qualquer conflito é preciso distinguir três elementos: O sujeito que o cria e/ou o padece – o objeto do conflito – as circunstâncias ambientais ou os fatores explicativos. O conflito nasce na relação indivíduo-objeto dentro de um determinado contexto meio-ambiental.

O sujeito. ²⁰ Chamo de sujeito *ativo* aquele que causa a ruptura da situação de felicidade que ele próprio vive ou que outra pessoa vive dentro de um grupo. Essa outra pessoa seria o sujeito *passivo*.

Há pessoas aptas para a vida associativa e outras que realmente são problemáticas, e em certas ocasiões, incompatíveis com esse tipo de vida. Há pessoas que desempenham perfeitamente sua função dentro de um grupo, e há outras que não são capazes disto. Há pessoas com um grau de tolerância zero em face da adversidade, e há outras com um elevado grau de tolerância,... Em suma, o tipo de personalidade dos membros de um grupo é um elemento-chave na qualidade da pertença associativa.

Por **objeto** entende-se o fato, tema, assunto..., de que o conflito se nutre. Não existe fato que seja conflitivo por si mesmo. Os conflitos de pertença nascem na relação do objeto com um ou com vários indivíduos que formam parte dos grupos, associações ou organizações. A gama de objetos possíveis é amplíssima:

- a tomada de decisões
- o desempenho de funções
- os relacionamentos inter-pessoais
- horários e atividades
- pertença múltipla dos membro
-

O tema-objeto de conflito pode ser visto dilatado ou atenuado por uma série de **circunstâncias ambientais** ou **fatores explicativos** que nos oferecerão as chaves tanto para a origem como das possíveis vias de solução. Alguns desses fatores poderiam ser os seguintes:

- desconhecimento da identidade do grupo
- confusão entre o essencial e o acidental da identidade grupal
- transtornos ou crises de personalidade de seus componentes
- hierarquização inadequada no caso da pertença múltipla
- falta de espaços auto e hetero-avaliativos
-

²⁰ Falarei aqui do sujeito (ativo/passivo) no singular, embora, evidentemente, nos conflitos seja muito comum a existência de sujeitos, no plural.

Se fitarmos o olhar na natureza dos conflitos associativos, veremos que nem todos têm a mesma importância. Há aqueles que são *periféricos* (afetam o *ectodermo* do conflito), *intermediários* (afetam o *mesodermo*) e *nucleares* (afetam o *endodermo* do conflito). Não é a mesma coisa um conflito associativo originado pela mudança de hora ou de data de uma atividade, que outro conflito originado pela maneira de tomar decisões dentro do grupo, ou pelos desvios que uma instituição está sofrendo a respeito de sua identidade ou de sua missão.

Tampouco, nem todos os conflitos se apresentam com a mesma visibilidade: alguns são latentes ou encobertos; outros são manifestos e bem visíveis. Os primeiros, por sua própria natureza são mais difíceis de resolver que os segundos.

4.2. Solução de um conflito

O passo mais decisivo da solução de um conflito de pertença é o reconhecimento dele. Sem dar esse passo, qualquer saída de uma situação conflitiva dentro de um grupo é impossível .

Reconhecer um conflito significa uma tomada de consciência por parte de um setor ou da totalidade do grupo, de que existe uma anomalia associativa de maior ou menor entidade. Juntamente com esse primeiro passo deve existir uma vontade explícita pessoal e/ou institucional de encontrar uma saída positiva. Finalmente, a própria organização deve dispor de mecanismos e estruturas que facilitem a auto e a heteroanálise avaliativa.

Não irei entrar a pleno no tratamento das técnicas de solução de conflitos de pertença ou de pertinência, visto que isto não constitui o objetivo destas páginas.

5. MEDIDA, AVALIAÇÃO OU ALCANCE DA PERTENÇA

5.1. Aspectos teóricos

Nas publicações sobre a pertença a grupos, instituições, organizações e outras formas associativas, não é muito comum encontrar escalas ou testes que estabeleçam a medida ou o alcance deste constructo sociológico.²¹ E o motivo pode estar na dificuldade de medição da própria natureza da pertença que, como declarei anteriormente, do meu ponto de vista, tem quatro componentes principais:

- cognitivo
- valorativo
- afetivo
- social

É a pertença associativa um fato exterior, formal, jurídico..., ou, pelo contrário, uma vivência processual que dá partida quando uma pessoa decide formar parte de um determinado coletivo, e termina, seja pela morte, ou quando a pessoa abandona esse coletivo? – Ou, é estas duas coisas ao mesmo tempo?

²¹ Um desses estudos é o *Commitment to Organizations and Occupations: Extension and Test of a Three-Component Conceptualization* (Compromisso com Organizações e Ocupações: Extensão e Teste de uma Conceitualização de Três Componentes), de J. Meyer, > J. Allen, e C. A. Smith, *Journal of Applied Psychology*, 1993, Vol. 78, 538-551.

A pertença jurídica, formal, exterior..., será identificadora, ou não será fácil de medir. Basta comprovar se o indivíduo formalizou os requisitos que tal ou qual grupo exige para formar parte dele.

O problema da medição da pertença associativa se origina quando se quer centrá-la na **vivência ou no sentido da pertença**. Ou, como asseverei em páginas anteriores, na **consciência psicossociológica da pertença**.

Existem indicadores objetivos que podem proporcionar elementos de interesse para essa medição, mas, com certeza, o sentido da pertença, sua consciência psicossociológica, acarretam um número maior de indicadores subjetivos. A soma destes dois tipos de indicadores nos dará a medida autêntica da pertença associativa. Querer dispor de todos os indicadores de um e de outro tipo é um labor praticamente impossível e inútil, visto que é impossível e inútil controlar todas as variáveis que entram em jogo nos processos associativos.

Por tudo o que precede, me atrevo a formular um primeiro ensaio de escala de pertença associativa, com o fito de melhorá-la progressivamente. As sucessivas aplicações dela nos fornecerão luzes suficientes para chegar a um instrumento de medição com maior valia e confiabilidade.

5.2. Um exemplo prático de avaliação da pertença

A título experimental anexo dois Questionários (Irmãos e Leigos), acompanhados das orientações correspondentes. O uso deles pode ser muito variado: para avaliação pessoal, para partilha em grupos, para análise de tendências numa comunidade educativa, ou de uma Província...

QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO PARA IRMÃOS

I Parte

Expresse seu grau de concordância com as asseverações que seguem, assinalando sobre o tracinho de pontos à direita, o **número da alternativa** que lhe corresponda:

4 (Muito de acordo) – **3** (De acordo) – **2** (Nem de acordo nem de desacordo) – **1** (De desacordo) – **0** (Muito de desacordo).

1. Pertencer ao Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs é importante para a configuração de minha identidade pessoal
2. Estou **muito contente por pertencer** ao Instituto dos Irmãos das Escolas cristãs.....
3. Não me agrada(m) **a(s) tarefa(s)** que executo, ou a (s) **responsabilidade(s)** que atualmente tenho na comunidade.....
4. O que **faço ou vivo em minha comunidade** estimula minha identidade como Irmão das Escolas Cristãs.....
5. A pertença a uma Comunidade de Irmãos incide, de verdade, no emprego de **meu tempo livre e no meu tempo de lazer**
6. As **preocupações, problemas, carências...** de meus Irmãos de Comunidade, me afetam como se fossem meus próprios
7. A pertença a uma Comunidade de Irmãos das Escolas Cristãs condiciona, de verdade, o tipo e a duração dos **relacionamentos com amigos e conhecidos**.....
8. Estou muito feliz quando trabalho ou emprego o **tempo** nas tarefas ou atividades organizadas ao nível do comunitário, do provincial, ou do regional.....
9. As **alegrias, bons êxitos, triunfos, realizações...** da Comunidade, Província, Região, ou de alguns de seus membros me afetam como se fossem meus próprios....

II Parte

10. Valorize de **1 a 7**, cada uma das **experiências formativas lassalistas** em que você participou, no quanto lhe valeram para compreender melhor o sentido de pertença ao Instituto Lassalista.

- 10.1 Seminários, Encontros, Congressos... sobre temas lassalistas.....
- 10.2 Convivências ou Retiros.....
- 10.3 Congressos ou assembléias lassalistas nacionais ou internacionais.....
- 10.4 Encontros comunitários ou provinciais.....
- 10.5 Cursos ou Programas lassalistas especiais, nacionais ou internacionais.....
- 10.6 Grupo lassalista de oração
- 10.7 Outros (assinalar quais).....

11. Assinale com que grau de intensidade **você sente sua pertença** às diversas estruturas organizativas em **cada um** dos seguintes itens:

4 (Muito elevado) – **3** (Elevado) – **2** (Médio) – **1** (Baixo) – **0** (Muito baixo).

- 11.1 Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs
- 11.2 Região
- 11.3 Província, Sub-província, Delegação
- 11.4 Comunidade religiosa
- 11.5 Comunidade Educativa

12. Diga como você se sente aceito em cada uma das seguintes estruturas organizativas:

4 (Muito bem) – **3** (Bem) – **2** (Regular) – **1** (Mal) – **0** (Muito mal).

- 12.1 Na Comunidade de Irmãos
 12.2 Na comunidade Educativa Escolar.....
 12.3 Na Província, Sub-Província, Região

13. Expresse seu grau de acordo, ou de desacordo, com cada uma das seguintes asserções:

4 (Muito) – **3** (Bastante) – **2** (Regular) – **1** (Pouco) – **0** (Nada).

- 13.1 O fato de viver associado a outros Irmãos me ajuda positivamente a crescer como
 pessoa
 13.2 O fato de viver associado a outros Irmãos me ajuda positivamente a crescer como
 pessoa de fé
 13.3 O fato de viver associado a outros Irmãos me ajuda positivamente a seguir a Jesus
 pelo caminho traçado por La Salle
 13.4 O fato de viver associado a outros Irmãos não tem nada que ver com as três
 epígrafes anteriores

14. O tempo que deliberadamente dedico aos diversos serviços, atividades e vida comunitária é:
 (Marque uma única opção com um X):

- 14.1 Praticamente todo o tempo de que disponho.....
 14.2 Bastante do tempo de que disponho.....
 14.3 Um pouco do tempo de que disponho
 14.4 Um mínimo do tempo de que disponho
 14.5 Não lhes dedica nada do tempo de que disponho

15. Em geral, minha atitude nos atos comunitários costumam ser de : (Marque com o número correspondente **cada uma** das opções:

4 – (Sempre) – **3** (Quase sempre) – **2** – (Normalmente) – **1** (Poucas vezes) – **0** (Nunca).

- 15.1 De colaboração positiva
 15.2 De passividade ou indiferença
 15.3 Mais inclinada a negativa

III Parte

16. Descreva como você entende o sentimento de pertença:

- 16.1 - À comunidade
 16.2 - À Província
 16.3 - Ao Instituto

17. Completando a pergunta anterior, como você acredita que

- 17.1 - O sentimento de pertença nasce
 17.2 - Este sentimento cresce e se desenvolve.....
 17.3 - Este sentimento se extingue

18. *Outras idéias que você queira acrescenta sobre as pertinências e a pertença associativa lassalista.*

QUESTIONÁRIO DE APLICAÇÃO PARA LEIGOS

I Parte

Expresse o grau de sua concordância com as asseverações que seguem, assinalando sobre o traquinho de pontos à direita, o número da alternativa que lhe corresponde:

4 (Muito de acordo) – 3 (De acordo) – 2 (Nem de acordo nem de desacordo) – 1 (De desacordo) – 0 (Muito de desacordo).

1. Ser professor(a) (colaborar) numa Escola La Salle é importante para a configuração de **minha identidade**
2. Estou **muito contente pelo fato** de ser professor(a) (trabalhar/colaborar) numa Escola Lassalista
3. Não me agrada(m) **a(s) tarefa(s)** que executo, ou **a(s) responsabilidade(s)** que atualmente tenho como professor(a), colaborado(a)
4. **Aquilo que faço ou vivencio no ambiente escolar** estimula minha identidade como professor(a) colaborador(a) lassalista
5. Meu compromisso associativo lassalista incide, de fato, na distribuição do **tempo livre e do tempo de lazer** de que disponho
6. As **preocupações, problemas, necessidades, carências...** dos(as) outros(as) companheiros(as), colaboradores(as) ou associados(as) com que me relaciono me afetam como se fossem meus próprios
7. Meu compromisso lassalista condiciona, de fato, o tipo e a duração dos **relacionamentos com amigos(as) e/ou conhecidos(as)**
8. Sinto-me muito **feliz** quando trabalho, ou quando emprego o **tempo livre** em tarefas ou atividades escolares ou associativas
9. As **alegrias, triunfos, bons êxitos, realizações...** dos(as) outros(as) companheiros(as), colaboradores(as) ou associados(as) com que me relaciono me afetam como se fossem meus próprios

II Parte

10. *Valorize de 1 a 7, cada uma das experiências formativas lassalistas em que você participou, no quanto lhe valeram para compreender melhor o sentido de pertença à Instituição Lassalista.*

- 10.1 Seminários, Encontros, Congressos... sobre temas lassalistas.....
- 10.2 Convivências ou Retiros.....
- 10.3 Congressos ou assembléias lassalistas nacionais ou internacionais.....
- 10.4 Relacionamentos com uma comunidade ou com algum Irmão.....
- 10.5 Cursos ou Programas lassalistas especiais, nacionais ou internacionais.....
- 10.6 Grupo lassalista de oração
- 10.7 Outros (assinalar quais).....

11. *Assinale com que grau de intensidade você sente sua vinculação com as diversas estruturas organizativas que figuram em cada um dos seguintes itens:*

4 (Muito elevado) – 3 (Elevado) – 2 (Médio) – 1 (Baixo) – 0 (Muito baixo).

- 11.1 Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs
 11.2 Região
 11.3 Província, Sub-província, Delegação
 11.4 Sua Comunidade Educativa

12. Diga como você se sente aceito(a) por parte de **cada uma das seguintes estruturas organizativas:**

4 (Muito bem) – **3** (Bem) – **2** (Regular) – **1** (Mal) – **0** (Muito mal).

- 12.1 Na comunidade Educativa Escolar.....
 12.2 Nos grupos ou associações lassalistas a que pertence.....
 12.3 Na Província, Sub-Província, Região

13. Expresse seu grau de acordo, ou de desacordo, com cada uma das seguintes asserções:

4 (Muito) – **3** (Bastante) – **2** (Regular) – **1** (Pouco) – **0** (Nada).

- 13.1 O fato de viver associado a outros Irmãos me ajuda positivamente a crescer como pessoa
 13.2 O fato de viver vinculado/associado a outros na missão educativa lassalista me ajuda positivamente a crescer como pessoa de fé
 13.3 O fato de viver vinculado/associado a outros na missão educativa lassalista, me ajuda positivamente a seguir a Jesus pelo caminho traçado por La Salle

14. O tempo que deliberadamente dedico aos diversos serviços ou atividades como professor(a) colaborador(a) associado(a) lassalista é: (Marque uma única opção com um X):

- 14.1 Praticamente todo o tempo de que disponho.....
 14.2 Bastante do tempo de que disponho.....
 14.3 Um pouco do tempo de que disponho
 14.4 Um mínimo do tempo de que disponho
 14.5 Não lhes dedico nada do tempo de que disponho
 14.6 Não sei

15. Em geral, minha atitude nas atividades ou no serviço prestado como professor(a), colaborador(a) ou associado(a) é : (Marque com o número correspondente **cada uma** das opções:

4 – (Sempre) – **3** (Quase sempre) – **2** – (Normalmente) – **1** (Poucas vezes) – **0** (Nunca).

- 15.1 De colaboração positiva
 15.2 De passividade ou indiferença
 15.3 Mais inclinada a negativa

III Parte

16. Descreva como você entende o sentimento de pertença:

- 16.1 - À sua comunidade educativa La Salle de referência

- 16.2 - À Província Mantenedora da sua Escola de referência
-
- 16.3 - Ao Instituto
-

17. Completando a pergunta anterior, como você acredita que

- 17.1 - O sentimento de pertença nasce
- 17.2 - Este sentimento cresce e se desenvolve.....
- 17.3 - Este sentimento se extingue

18. Outras idéias que você queira acrescentar sobre a vinculação e a pertença associativa lassalista.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho tentei fazer uma reflexão sociológica sobre as pertinências e a pertença associativa. Iniciei com diversas referências ao 43º Capítulo Geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, que fazem referências à natureza, à importância e à urgência desta realidade.

Pareceu-me muito oportuno trazer à luz velhas tradições psicológicas e sociológicas em relação com os grupos e as associações. Uma delas é a que contrapõe os grupos primários e os grupos secundários. Estes últimos se formam com um objetivo ou com alguns objetivos concretos. Mas, em momento algum, estes objetivos devem afogar os traços mais sobressalentes dos grupos primários, a saber, o relacionamento direto entre seus membros, o estabelecimento de níveis afetivos, a potenciação de uma vigorosa consciência de solidariedade, o favorecimento da coesão interna e o sentido de identificação entre seus membros, o desenvolvimento da consciência do *nós*, e não somente a consciência do *eu*...

Do mesmo modo, no associacionismo lassalista deverá estar muito presente o conceito de grupo de referência. Efetivamente, em face do conceito de grupos de referência, mais bem baseado numa espécie de obrigação associativa, ou de feição associativa, se encontra este outro grupo de referência que é antes um espaço onde se moldam os valores, as crenças, as atitudes, os procedimentos morais e os comportamentos, os sentimentos dos membros que o integram... Estes grupos têm que ser estruturas que suscitem vivos anseios de pertença.

As diversas formas associativas lassalistas não devem ser formadas por pessoas cuja característica básica comum seja a pertença passiva (o caso dos agrupamentos involuntários, “eu pertenço a este país, ou, eu sou desta raça porque não tenho outro remédio”), nem simplesmente uma pertença caracterizada por uma coexistência ou convivência física (o caso dos agrupamentos de vizinhança), nem tampouco para “fugir” de um hipotético perigo religioso ou social (o caso dos agrupamentos defensivos), e nem sequer para um mero desafio pessoal (o caso dos agrupamentos recreativos e desportivos, ou de clubes de amigos).

O associacionismo lassalista deve ser formado por agrupamentos intencionais que, como foi indicado mais acima, se caracterizam pela vontade livre dos membros de participar na formulação dos objetivos e a consecução de suas finalidades. Para isto, os relacionamentos intra e intergrupais são de capital importância. Ser associado lassalista a partir desta perspectiva sociológica da pertença intencional não é algo a que se chegue através de alguns ritos de ingresso ou de algumas prescrições pontuais, mas que constitui parte de um processo permanente de

associação. O associacionismo intencional não é uma realidade com um final predeterminado, mas antes com um final aberto ou inacabado. Ou seja, uma realidade em permanente construção.

A futura realidade associativa lassalista pressupõe a passagem de um associacionismo religioso homogêneo, caracterizado por alguns membros cujo perfil é bastante uniforme (homens, leigos, solteiros, que emitem os votos de religião mais dois votos específicos, que vivem formando comunidades geralmente no mesmo prédio onde desempenham seu trabalho profissional, que têm um conceito de pertença muito restritivo: local, ou Província, em síntese), com uma missão apostólica centrada no ensino escolar, com poucos relacionamentos interinstitucionais..., a um associacionismo religioso heterogêneo, caracterizado por um perfil pluralista de seus membros (homens e mulheres, solteiros e casados, com votos e sem votos, onde nem todos vivem sob o mesmo teto), com um projeto educativo onde o acadêmico é apenas uma faceta, com um tipo de pertença que traspasa não só os muros dos colégios, mas os do próprio centro, da própria Província e da própria Região. A passagem do associacionismo homogêneo ao associacionismo heterogêneo exige de todos uma eminente capacidade de adaptação, mas, com certeza, mais de uns do que de outros.

Amplia-se o número e a tipologia de participantes no carisma. Em alguns ambientes essa ampliação pode ser interpretada como perda de uma possança que anteriormente parecia exclusiva dos Irmãos.

A convivência entre as estruturas associativas antigas e as novas, obviamente há de gerar uma série de conflitos intra e intergrupais, que devem ser percebidos e tratados com a suficiente maturidade. Esses conflitos são absolutamente necessários para que a nova realidade associativa lassalista nasça, cresça e se fortaleça. Para isto é conveniente e necessário analisar periodicamente o andamento da pertença associativa, tanto entre os Irmãos como entre os Leigos. A avaliação pessoal e a institucional da vida associativa torna-se imprescindível para os novos grupos e comunidades lassalistas. As escalas de avaliação correspondente podem ajudar nesta tarefa.